

## O EGITO ANTIGO NA REGIÃO SUL DO RIO GRANDE DO SUL

Welcsoner Silva da Cunha<sup>1</sup>

---

**RESUMO:** *Este estudo busca a caracterização, identificação e análise da influência do Antigo Egito na região sul do estado do Rio Grande do Sul: Pelotas e cidades de seu entorno, através do olhar da egiptomania.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *Egiptomania – História Antiga – Identidade*

---

**ABSTRACT:** *This study searches the characterization, identification and analysis of the influence of Ancient Egypt in southern region of the state of Rio Grande do Sul: Pelotas and it's surrounding cities through the look of egyptomany.*

**KEY-WORDS:** *Egiptomania – Ancient History - Identity*

---

“Egiptomania na região sul do estado do Rio Grande do Sul: Pelotas e Cidades Vizinhas (séculos XIX e XX)”<sup>2</sup> trata-se do recorte de um projeto maior, coordenado pela Profa. Dra. Margaret Marchiori Bakos (PUCRS), denominado “Egiptomania no Brasil”.

Há milênios o Egito tem fascinado o mundo ocidental, e uma das razões é a permanência até a atualidade de suas construções monumentais, mais especificamente as pirâmides. Outra razão é a magia que emana de tudo aquilo que permanece – vestígios – daquela civilização: obeliscos, objetos do cotidiano, funerários, textos de todos os gêneros, como poesias contos e até registros de práticas curativas e de administração pública (Bakos, 2002, p. 3). É através dessa apropriação ocidental do legado egípcio que constatamos repercussões sobre a cultura material e sobre o imaginário moderno: “*Sendo os egípcios, um dos ícones de um passado idealizado, é adaptável aos moldes ideológicos de circunstâncias históricas diversas*” (Duarte, 2003, p. 40).

Um dos motivos que norteiam nosso estudo é verificar o porquê desse interesse e atração que as pirâmides, monólitos, templos e outros objetos egípcios geram nas pessoas: desvendar a origem, a forma e o motivo desta atração pela memória do Antigo Egito. Um dos exemplos desse interesse que podemos citar é o

---

<sup>1</sup> Pesquisador associado ao Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia - (LEPAARQ) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Brasil.

<sup>2</sup> Cidades vizinhas está referindo-se as cidades de São Lourenço do Sul, Canguçu e Piratini. O motivo do recorte geográfico, incluindo estas cidades foi simplesmente pela possibilidade de acesso que tínhamos a estas.

fato de existirem cursos específicos em universidades de todos os continentes dedicados ao estudo científico sobre o Egito Antigo. No Brasil há, inclusive, dois programas de pós-graduação em História que incluem, em suas linhas de pesquisa, a possibilidade de estudos especializados sobre essa sociedade: Universidade Federal Fluminense e Universidade de São Paulo.

Desse modo, verifica-se a importância da egiptologia e das práticas de egiptomania no Brasil, as quais, embora mais recentes que as européias, não são menos importantes, merecendo ser estudadas até mesmo pela importância de seus desdobramentos: existência atual de cursos de pós-graduação, no país, que aceitam e incentivam a pesquisa sobre o Egito Antigo (Bakos, 2002, p. 4), bem como o interesse do resto da população, no nosso caso, a população rio-grandense, especificamente a da cidade de Pelotas e região circunvizinha.

Pensamos primeiramente em trabalhar somente com a logotipia e nomenclatura de estabelecimentos comerciais (Cf. Saballa, 1998), o que mais tarde verificou-se insuficiente devido ao menor número de fontes e também ao pouco interesse que as pessoas demonstravam em participar de nossa pesquisa; logo, partimos em busca de outras formas de apropriação desses elementos neo-egípcios<sup>3</sup>, de modo que ampliamos nosso campo de análise, incluindo outros temas além da logotipia e nomenclatura de estabelecimentos comerciais; acrescentamos assim o levantamento na arquitetura civil e monumental e com o decorrer da pesquisa, um estudo em casas esotéricas que comercializavam objetos com alusão ao Mundo Nilótico.

Na pesquisa com a logotipia e a nomenclatura de estabelecimentos comerciais, realizamos a identificação por meio do catálogo telefônico da *CTMR BRASIL TELECOM: Pelotas e Região*, do ano de 2000.<sup>4</sup> Através desse catálogo, foi feito o levantamento na cidade de Pelotas; nas demais cidades incluídas na pesquisa, o estudo foi realizado através da divulgação do trabalho para colegas do curso de História que residiam nas mesmas ou em eventuais visitas à cidade, em que sempre procurávamos estabelecer contato com pessoas de nossa área de pesquisa, ou divulgando o trabalho com moradores locais.

Logo analisamos, neste breve estudo, o entrelaçamento de duas culturas bastante multiformes: a cultura brasileira e a associação por esta de motivos da cultura do Antigo Egito. Desse modo, procuramos analisar, no imaginário de algumas cidades do sul do Rio Grande do Sul, ao apropriar-se de alguns dos elementos do legado cultural egípcio, como se dá a interpretação do mundo, da religiosidade e da diversidade que era o Egito Antigo.

---

<sup>3</sup> Revitalização e reutilização da arte egípcia antiga e de seus temas em um novo contexto.

<sup>4</sup> Este catálogo inclui, além de Pelotas, as cidades de Capão do Leão, Morro Redondo e Turucu, cidades não incluídas em nosso estudo devido ao difícil acesso, em virtude dos recursos financeiros limitados que dispúnhamos.

## **1. Orientalismo e Cultura**

É interessante analisarmos aqui a visão que se costumou ter do Oriente nos últimos séculos; não uma visão natural, mas sim uma visão construída devido aos diversos interesses vigentes em cada época.

Segundo o enfoque com que Edward Said buscou trabalhar em sua obra *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*, o termo orientalismo trata de uma visão distorcida do Oriente, uma visão que, por fatores políticos, econômicos – imperialistas no âmago da palavra – fez com que o Ocidente viesse a criar um Oriente.

Essa visão propositalmente distorcida do Oriente foi sendo construída de diversas formas, e a literatura teve grande influência nessa visão que se construiu. Said nos cita diversos escritores e dentre eles o que denomina por “orientalistas imaginativos”: escritores que, conhecendo ou não o Oriente, criavam em cima de suas paisagens, estórias e contos, sempre repletos de muito misticismo e sempre carregados com todo o erotismo possível, uma visão na maioria das vezes romantizada, o que com o passar do tempo foi sendo interpretado por verdadeiro. Daí decorre uma das formas da visão distorcida do Oriente que se produzia, principalmente em meados do século XVIII.

Estaria surgindo aí, nestas primeiras distorções, o começo do que viemos a chamar de egiptomania. Segundo Jean Marcel Humbert, o que acontecia muito na utilização de fontes romanas, com más interpretações principalmente da literatura, o que gerava cópias interpretativas que acabavam fugindo da fidelidade (Humbert, 1996). Logo, o imaginário que o orientalismo criou não passava de representações por representações.

Quando Peter Burke nos fala da transmissão entre cultura erudita e cultura popular, comenta essas trocas entre culturas e sub-culturas, ou culturas regionais, dizendo que as estórias, imagens e idéias não são passivamente aceitas; ao contrário, são modificadas ou transformadas num processo que, de cima, parece ser de distorção ou má compreensão, e, de baixo, parece adaptação a necessidades específicas.

O que podemos extrair da crítica do rebaixamento da cultura de Burke é um pouco do que Said vinha nos falando: das diversas formas como se dá a transmissão de conhecimentos, idéias e mitos dentro do complexo sistema cultural. Temos assim imaginários modificados tanto por interesses vigentes quanto por formas naturais de adaptação a necessidades, somando-se ainda o que Burke vem a nos dizer quanto ao que ele acredita existir no que tange à criatividade, ou seja, existe um tráfego de mão dupla entre cultura erudita e popular, o que poderemos verificar entre diferentes culturas, no nosso caso, ocidental e oriental, onde, embora de forma atemporal, nota-se uma assimilação e o uso da criatividade numa posterior adaptação de onde vem a surgir nosso objeto de estudo: a egiptomania.

## 2. Egiptologia e Egiptomania

Embora o termo egiptomania tenha surgido somente após a primeira guerra mundial, trata-se de uma prática bem mais antiga que a egiptologia.

Conceitualmente os historiadores definem três formas de leitura do Egito Antigo, a **egiptologia**, **egiptofilia** e a **egiptomania**. A **egiptologia** é a ciência que trata de tudo que se relacione com o Egito Antigo, a **egiptofilia** é a apreciação de elementos, gosto pelo exótico, posse de coisas relativas ao Antigo Egito e a **egiptomania** é a apropriação de elementos do Antigo Egito para uso em discursos e narrativas contemporâneas (Cf. Bakos; 2004, p. 10).

Muito embora trate da mesma temática, mas de enfoques relativamente diferentes, foi a egiptomania que estimulou o interesse pelo Antigo Egito fora dos meios acadêmicos e intelectuais. Antes de um maior conhecimento científico relativo à cultura do Antigo Egito, eram poucos os relatos referentes a este; a maioria dos relatos era de viajantes que haviam conhecido o Oriente, mas em sua grande maioria não apresentavam interesses científicos, o que só veio a ocorrer mais tarde com os “booms” de interesse pelo Egito Antigo, conseqüentes principalmente da expedição militar de Napoleão Bonaparte ao Egito em 1798, marco da criação da egiptologia, e, mais tarde, da decifração dos hieróglifos por François Champollion (1790-1832).

*“Na egiptomania aparece com freqüência o desejo de preservar uma visão do antigo Egito marcada por uma aura de mistério, o que influencia escolhas e enfoques. A egiptomania contribui em muito para tornar a egiptologia atraente a um público muito mais amplo que o acadêmico, embora a proximidade entre ambas varie conforme o período e as inclinações” (Humbert, 1996, p. 24).*

Enfim, a egiptomania se desenvolveu na conjunção entre as descobertas acadêmicas, o saber popular e os relatos de viajantes e escritores, tendo se alimentado continuamente do repertório ilimitado de crenças e mitos universais (Bakos, 2004, p. 10).

### 3. O Interesse Pelo Egito

#### 3.1. A expedição de Napoleão Bonaparte

O interesse pelo Antigo Egito vem de longa data, remontando aos autores gregos e romanos, sendo que a egiptologia só veio a constituir-se como ciência no século passado, com a inauguração de escavações arqueológicas e com a decifração da antiga escrita egípcia.

Destacam-se entre os autores antigos Hecateu de Mileto com a obra *Perigese*, e Heródoto, no livro II de sua *História* (445 a.C.), que, ao viajar pela região egípcia, recolheu informações e detalhes sobre este povo (Heródoto, 1985).

Temos como o marco referencial do real entendimento e começo dos estudos referentes ao Antigo Egito a decifração dos hieróglifos por Champollion, apesar da existência de estudos anteriores que buscavam a decifração da antiga escrita que há um bom tempo já suscitava a curiosidade de alguns sábios.

O grande obstáculo à verdadeira compreensão dos sinais gráficos egípcios jazia na concepção de que os hieróglifos constituíam uma escrita sagrada, indecifrável, sem uma finalidade pragmática de comunicação. Essa aceção advinha da antiguidade clássica, quando os templos egípcios tiveram suas atividades proibidas e foram, com frequência, transformados em templos cristãos. Em decorrência disso, desapareceu o saber dos antigos sacerdotes egípcios – pensou-se então que os hieróglifos serviam a mistérios crípticos da religião (Cf. Cerqueira, 2000).

Mas seria praticamente impossível a decifração dos hieróglifos sem a famosa *Pedra de Rosseta*, encontrada pela expedição napoleônica de 1798. O próprio Napoleão Bonaparte era um grande entusiasta da cultura egípcia, o que se constatou mais tarde, em seus apontamentos para os preparativos da expedição militar ao Egito.

Napoleão também tinha por convicção que era necessário estudar e conhecer bem um povo, para poder assim dominá-lo totalmente, por este motivo, além de ser um grande admirador das memórias e glórias de Alexandre, principalmente no Egito, e ser desde a adolescência atraído pelo Oriente<sup>5</sup>, deu grande confiança à obra do conde de Volney, um viajante francês cuja *Voyage en Égypte et en Syrie* apareceu em dois volumes em 1787.

Volney via-se como um cientista cuja tarefa era sempre a de registrar o *état* do que quer que ele visse (Said, 1996, p. 90). Constatamos aí que o próprio Napoleão se utilizava de obras sobre o Egito, e era desde sua juventude um amante das coisas orientais.

---

<sup>5</sup> Os manuscritos de Napoleão ainda quando jovem contêm um sumário feito por ele da *Historie des arabes*, de Marigny (SAID, 1996).

Após uma grande preparação, Napoleão embarcou com seu exército para o Egito, levando consigo uma equipe técnica constituída por 167 cientistas civis, munidos de livros, instrumentos científicos e tipografias; participavam de sua equipe naturalistas, botânicos, cartógrafos, engenheiros, geólogos, historiadores, desenhistas e arqueólogos, entre eles o barão Dominique Vivian Denon, pintor gravador e escritor que, em 1802, publicou a *Voyage dans la Basse et la Haute Egypte*, constando de 140 paisagens. Entre 1803 e 1813, publicou-se, em 13 volumes, a *Description de l'Égypte*, obra constituída por 900 mapas e estudos de zoologia, botânica, mineralogia, costumes, paisagens e arqueologia. A obra despertou o interesse pelo Egito Antigo, resultando na moda *Retour d'Égypte* (Cerqueira, 2000), a qual estimulou diversas expedições ao Egito, na sua maioria expedições com fins antiquaristas.

Nesta mesma expedição, foi encontrada uma estela fendida que, a princípio, parecia não ter nenhum valor como grande descoberta, mas logo se verificou não se tratar de um achado comum, mas sim no que viria a ser chamado de *Pedra de Rosetta*, sobre a qual estava registrado um texto de natureza diplomática, repetido em três sistemas diferentes de escrita: os hieróglifos, o demótico e o grego.

### 3.1.1. A Decifração dos Heróglifos

Logo depois de retornar a França, Napoleão ordenou que fossem feitas reproduções e litogravuras da estela encontrada por um soldado de seu exército, que foram enviadas para vários especialistas em línguas mortas.

Mesmo antes da *Pedra de Rosetta* ter sido encontrada, já se realizavam estudos na busca da decifração da antiga escrita egípcia, o primeiro avanço tendo sido estabelecido ainda no século XVII pelo padre Kircher, que reconheceu a continuidade entre o egípcio e o copta. No século XVIII, o dinamarquês Carsten Nieber constatou a repetição de sinais e suspeitou da existência de um alfabeto.

Em posse de cópia da Pedra de Rosetta, o sueco Akerbald identificou alguns nomes próprios comparando o grego e o demótico, doze anos mais tarde (1802) conseguindo decifrar o demótico. François Champollion, por sua vez, ao entrar em contato com os escritos daquela estela tão misteriosa, ficara fascinado. Champollion vinha estudando línguas desde seus onze anos de idade, com dezenove tornando-se professor em Grenoble.

Utilizando-se de seus conhecimentos de aramaico e copta (que ainda era usado como língua ritual dos cristãos egípcios), em 1822, aos seus 32 anos, Champollion provou que os hieróglifos eram alfabéticos; em 1824, publicou o *Précis du Systeme Hiéroglyphique des Anciens Egyptiens*, trazendo à luz uma língua morta há dezoito séculos. Entre 1843 e 1845, saiu a publicação póstuma de sua gramática e dicionário egípcios (Cerqueira, 2000).

Outra descoberta que gerou alvoroço foi a da tumba de Tutankámom, em 1922, por Howard Carter. Após uma intensa escavação no Vale dos Reis, Carter encontrou a tumba de Tutankámom praticamente intacta, com um riquíssimo acervo de utilitários da época dos faraós; a retirada e catalogação das peças da tumba levaram dez anos num trabalho minucioso e complexo devido à fragilidade de alguns objetos.<sup>6</sup>

Em consequência dessas inúmeras descobertas, veio o acesso de mais pessoas a relíquias e conhecimentos sobre o Antigo Egito, antes só acessíveis a estudiosos, o que acabou difundindo de uma maneira mais ampla o interesse de um número bem maior de pessoas pelas coisas do Egito, o que foi facilitado também pela criação de diversos museus que possibilitaram a preservação da herança deixada pelos antigos egípcios. Hoje em dia temos acesso a praticamente tudo que foi sendo descoberto dessa civilização: programas televisivos sobre o Egito, inúmeros documentários nos deixam a par da vida e obra do povo do Antigo Egito. Acontecimentos como esses colaboraram para que encontremos no Brasil – um país distante, tanto temporal como fisicamente do Antigo Egito – a influência dessa cultura antiga. Esta influência e interesse serão objetos de nossa análise, partindo do interesse que a família real portuguesa instalada no Brasil em 1808 tinha por esta civilização.

### **3.1.2 A Egiptomania no Brasil**

Quando apresentávamos uma comunicação, numa semana acadêmica, a respeito da influência egípcia na cidade de Pelotas, sofremos um questionamento por parte de um colega: mas influência egípcia? Sim, é exatamente isso, influência do Antigo Egito na cidade de Pelotas.

O que ocorreu foi o fato de a influência egípcia ainda soar meio estranha aos ouvidos dos “desacostumados”. Ou seja, temos bem claro, até mesmo pelo grande número de estudos, a real contribuição de várias culturas no Brasil, em nosso caso na cidade de Pelotas: influência da cultura “afro”, com os escravos das charqueadas, antes existentes nessa cidade, influência alemã e italiana por parte dos colonizadores que por essa região se instalaram, e por aí vai. O fato é que a influência do Antigo Egito nunca foi, a nosso ver, um tema muito abordado até agora: aspectos rotineiros como os obeliscos fincados nas praças, nomenclaturas de algumas lojas passaram sempre despercebidos. Deste modo, constata-se com este trabalho uma efetiva parcela da contribuição cultural dos antigos egípcios para com a atual população pelotense e a população das demais cidades analisadas, na medida em que nestas ocorrem apropriações de elementos do legado cultural egípcio.

---

<sup>6</sup> Detalhadamente em Carter (1991).

Nossa análise começa com o interesse da família real portuguesa pela egiptomania: com a pressão francesa de Napoleão, a família real de Lisboa acaba fugindo para o Brasil em 1808, aportando na Bahia, e mais tarde transferindo-se para o Rio de Janeiro.

O Rio de Janeiro era então uma cidade de poucos habitantes e sem muitos atrativos, exceto os naturais. A chegada da corte, com inúmeras pessoas e todas de certo nível – algumas de alta nobreza, outras comerciantes enriquecidos, militares, funcionários, todos com alguma qualificação – transforma a cidade, que recebia de repente muitos e precisava oferecer-lhes residência e conforto (Iglesias, 1993, p.97).

Com essa transformação, torna-se necessário um incremento da vida cultural comparativa à da Corte de Lisboa, daí então a fundação de diversas obras, tais como a criação da Biblioteca Nacional, do Jardim Botânico, a abertura de escolas de primeiras letras e de ensino de artes e ofício, bem como a introdução do ensino superior com a Escola Médico-Cirúrgica, na Bahia, já em 1808.

Mas o real interesse pela egiptologia começa com D. Pedro I, o qual iniciou a coleção das peças egípcias hoje expostas no Museu Nacional do Rio de Janeiro. No entanto, foi D. Pedro II, um apaixonado pelo Egito, que aumentou essa coleção, tornando-a a maior e a mais importante da América do Sul na atualidade (Saballa, 1998, p.21)

A coleção egípcia, que atualmente ocupa apenas três salas, no segundo piso do Museu Nacional do Rio de Janeiro, não está exposta na íntegra. Sabe-se que dela constam, basicamente, 55 estelas e baixos relevos, 15 sarcófagos e fragmentos, 81 estatuetas votivas e funerárias, 216 *ushabtis* (estatuetas fúnebres), 29 múmias, 54 amuletos, símbolos e escaravinhos, cinco papiros, 69 miscelâneas e mais cem objetos e bens funerários (Bakos, 2004, p.18).

Alberto Childe, um grande estudioso e amante da egiptologia, falecido em 1870, chegou a fazer um catálogo do acervo egípcio adquirido pela família real. Childe, na condição de conservador do museu nacional, também restaurou as múmias e resgatou as origens históricas da coleção egípcia.

D. Pedro II nos legou ainda outra herança: apaixonado pelo Egito, começou seus estudos da cultura egípcia em 1871, com sua primeira viagem ao Egito, que durou até 1872. Neste primeiro momento, o imperador não fez nenhum apontamento, restando-nos apenas os comentários de seu cronista de viagem (Santos 1945). Em contrapartida, de sua segunda visita ao Egito em 1876, D. Pedro II deixou seus registros em um diário de viagem, em que fez consideráveis apontamentos e pertinentes observações relativas a questões de egiptologia.

O diário foi descoberto em 1890, quando o comprador de uma pequena mesa que pertencera ao imperador encontrou, no fundo de uma gaveta, um manuscrito escrito em francês e com as páginas rasgadas; eram justamente as notas e impressões de viagem de D. Pedro II ao Egito, acompanhadas de vários desenhos feitos por ele mesmo naquela ocasião (Bakos, 2004, p. 20).

Somadas à coleção egípcia do Museu Nacional, existem outras no país, que apresentam grande potencial, uma delas é a coleção egípcia do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP. Além dos museus, o interesse egípcio em nosso país está presente em diversas manifestações, como o que podemos constatar com a criação de dois programas de pós-graduação em História que incluem, em suas linhas de pesquisa, a possibilidade de estudos especializados sobre essa sociedade: Universidade Federal Fluminense e Universidade de São Paulo.

Constata-se aí o fascínio que o Mundo Nilótico exerce ainda hoje, sobre todos nós; mesmo sendo de longa data, esse interesse pelo Antigo Egito atravessou séculos e continentes e ainda está presente entre nós, às vezes com novas roupagens e adaptações, o que podemos notar nessa breve cronologia, o que verificaremos no decorrer de nosso trabalho.

#### **4. Nomenclatura e Logotipia de Estabelecimentos Comerciais**

Concluídas então, as demais etapas de nossa pesquisa (identificação e levantamento das diferentes formas de egiptomania), passamos a aplicar os questionários e as entrevistas, seguidos do registro fotográfico, referentes aos nomes e logotipos de estabelecimentos comerciais. Optamos como metodologia pela realização de entrevistas e aplicação de questionários, para realizar nosso estudo junto aos estabelecimentos comerciais que apresentavam em sua nomenclatura ou logotipia alguma referência ao Antigo Egito. Destes estabelecimentos, obtivemos um total de cinco entrevistas que testemunharam a efetiva assimilação e reutilização de elementos e símbolos egípcios. Passemos a elas:

##### **4.1.1 - Casas Pré-Fabricadas Fênix**

Inaugurada em 28 de Agosto de 2000, a construtora de **casas pré-fabricadas Fênix** já possui cinco anos de atuação, está localizada na rua Rafael Pinto Bandeira, 2430, na cidade de Pelotas, e tem como proprietária a senhora Cátia Vieira (ver figura 1).

Segundo a proprietária, o nome da empresa está relacionado com o outro negócio que ela e seu esposo possuíam. Pouco tempo antes de entrarem para o ramo da construção de casas pré-fabricadas, o casal possuía uma garagem de revenda de automóveis, que devido a dificuldades financeiras acabou falindo.

Logo após a falência do antigo negócio, passaram por muitas dificuldades, chegando a concluir que não se restabeleceriam financeiramente; decidiram então mudar de ramo, logo passando para o ramo da construção; na medida em que o negócio foi dando certo, não tinham ainda um nome para a empresa. Assim, a proprietária Cátia Vieira, ao assistir um filme, teve a idéia: “não lembro o nome do

filme, mas nele tinha um pássaro que renascia das cinzas”. Desse modo, a ave mitológica fênix foi diretamente associada à condição da família Vieira, pois estes, após terem falido com a antiga empresa de automóveis, conseguiram levantar-se e recuperar-se financeiramente; ou seja, a nova empresa ressurgiu do nada, renascendo das cinzas como a fênix na mitologia egípcia.

Quando questionada sobre possuir algum conhecimento em relação à cultura egípcia, a proprietária do estabelecimento disse ter tido seu primeiro contato na escola, através da disciplina de História, e mais tarde seu contato com a cultura dos antigos egípcios veio somente através de programas televisivos, com filmes e documentários; afirmou também possuir grande curiosidade a respeito dessa cultura e de querer saber mais, inclusive sobre a mitologia, de onde se origina o nome de seu estabelecimento.

#### 4.1.2 Loja Pirâmide

Durante o período de aproximadamente um milênio (entre 2630 e 1640 a.C.), os egípcios construíram suas pirâmides, dentre as quais três delas assombram o mundo até hoje. A mais antiga que se conhece data da III dinastia e era constituída por mastabas sobrepostas formando degraus, sendo denominada pirâmide escalonada. O idealizador deste tipo de construção foi o sábio Imhotep, proeminente figura do reinado do faraó Djoser. No início da IV dinastia, as pirâmides começaram a ser construídas com suas paredes inclinadas e não mais em forma de degraus, sendo que as últimas datam da XII dinastia.<sup>7</sup>

A **Loja Pirâmide** está situada na Av. Fernando Osório, 5081, no bairro Três Vendas, na cidade de Pelotas/RS, tendo como atual proprietária a senhora Arani Ehlert Glockner. Inaugurada na década de 90, a **Loja Pirâmide** é um comércio de vestuário. Seu nome foi escolhido por circunstâncias adversas ao conhecimento ou interesse da proprietária em relação à cultura egípcia. Devido à necessidade de colocar uma cobertura para a área de luz do prédio, onde está instalada a loja, buscaram-se alternativas, somente sendo viável uma cobertura triangular em formato de pirâmide. Esta pirâmide sempre chamou atenção das pessoas que passavam pelo local, e acabavam perguntando à proprietária, senhora Arani, sobre o significado daquela pirâmide no teto do prédio; nisso, podemos constatar a curiosidade e o interesse suscitado por essa forma milenar de construção (ver figura 2).

Segundo a proprietária, os passantes e vizinhos sempre a questionaram do por que da pirâmide: perguntavam se havia ali a intenção de buscar alguma forma de

---

<sup>7</sup> [www.geocities.com](http://www.geocities.com); extraído no dia 10 / 09 / 04.

energia. Interessante neste ponto a constatação de que, aos olhos de muitas pessoas, a pirâmide se liga à busca de energia ou força, apesar de que, para a proprietária, nada mais foi que uma solução arquitetônica. Essa idéia de energia estabeleceu-se no imaginário, persistiu e transmitiu-se por séculos, talvez advinda de toda a onda de mistério que se criou em torno destas construções.

Resolvendo instalar seu estabelecimento neste prédio, a proprietária lembrou-se logo de como a pirâmide chamava a atenção das pessoas. Assim, influenciada pela opinião de uma amiga, resolveu colocar o nome pirâmide em sua loja, concluindo ser este um nome que chamaria bastante a atenção dos fregueses, atraindo-os ao seu estabelecimento.

Dizem os especialistas em publicidade e propaganda que um bom logotipo, necessariamente, terá que provocar no consumidor sugestões e associações com valores e conceitos que se quer atribuir à empresa que o utiliza. Mais uma vez, o imaginário em torno da civilização egípcia entra aqui em ação, com toda força simbólica que lhe é característica (Bakos, 2004, p. 141).

#### 4.1.3 Ótica Phonix

Conforme nos ensina, em síntese, T. Rundle Clark, professor de História Antiga da Universidade de Birmingham, a Fênix, conhecida dos egípcios como *ave Benu*, era uma das formas primitivas do Deus Supremo. É, essencialmente, um aspecto de Deus e não uma divindade menor. É a primeira e mais profunda manifestação da *alma* do Deus Supremo. Associada à criação do mundo, quando a Fênix deu seu primeiro grito, iniciou os ciclos do tempo e, portanto, seu templo em Heliópolis tornou-se centro da regulação do calendário. Sendo um arauto de cada nova revelação divina, tornou-se um portador de bons agouros. Era ainda uma síntese das principais formas de vida, um símbolo que incluía todos os outros.<sup>8</sup>

Com sua inauguração no dia 16/06/1980, a **Ótica Phonix** esta sediada na cidade de São Lourenço do Sul, e, segundo o seu proprietário, senhor Fernando Coelho, o nome foi escolhido seguindo o nome do estabelecimento que era de seu pai, na cidade de Pelotas<sup>9</sup> (ver figura 3).

Quando questionado sobre seus conhecimentos a respeito da cultura egípcia, o senhor Fernando Coelho nos disse ter apenas os conhecimentos adquiridos no ensino escolar, comentando saber apenas quanto ao nome de seu estabelecimento que se refere “*a uma ave que ressurgiu das cinzas*”, segundo o relato de seu pai.

Observamos nessa entrevista que a escolha da denominação da loja se deu apenas por motivos práticos e sentimentais, pois a loja do pai do proprietário já

<sup>8</sup> [www.geocities.com](http://www.geocities.com); extraído no dia 10/09/04.

<sup>9</sup> Entrevista realizada por telefone no dia 09/05/2003.

possuía o nome Phonix, resolvendo-se dar à nova loja o mesmo nome; este pode ser um exemplo de como se propaga o que chamamos de conhecimento popular, onde observamos claramente a transmissão de informações que muitas vezes não são totalmente compreendidas, restando ao final, apenas vagas informações, embora tenhamos constatado novamente o papel do ensino escolar como difusor desses conhecimentos.

#### 4.1.4 Almazem – Empório Oriental e Esotérico

Este estabelecimento comercial usa o “O olho de Horus” como logotipo (ver figura 4), que era símbolo da Grande Deusa, qualquer que fosse o nome que ela possa ter tido em qualquer caso particular. A palavra egípcia para essa simbologia era Uedjat, que significa *A Vigorosa*. A ampla difusão do símbolo do olho deve ter se baseado na experiência cotidiana. A maioria das pessoas era sensível à força e à vitalidade que parecem residir no olho. O olho tornou-se símbolo da força destruidora, da luz cegante, do fogo e das emoções como a ira e a fúria incontroláveis.

A mitologia conta que o Olho do Deus Supremo foi enviado em importante missão. A palavra olho em egípcio é um substantivo feminino e, assim, o olho é a filha do Deus Supremo. Quando voltou da missão, descobriu ter sido suplantada na face do Supremo por um olho substituto. Irado, o olho derramou lágrimas, e, daí, adveio toda a humanidade, portanto sendo o olho também a Deusa Mãe. Em síntese: o Olho do Deus Supremo é a Grande Deusa do Universo em seu aspecto terrível. Ele é à força de ataque do Deus Supremo em todas as suas manifestações. O olho é também a Deusa Mãe, porque toda a humanidade veio das lágrimas do olho.<sup>10</sup>

O **Almazem Comércio Oriental e Esotérico**, situado na cidade de Pelotas, foi inaugurado dia 09/07/2001, e, conforme entrevista realizada com sua atual proprietária, senhora Martha Garcia, a escolha da logotipia do estabelecimento se deve a razões místicas.

“Adepta da prática de Yoga, a proprietária do estabelecimento nos disse ter escolhido o nome de sua loja durante a meditação, na qual foi inspirada e teve um ‘in sight’. A partir, daí veio o trocadilho Armazém (comércio), e Almazem, de sentir-se em paz. Quanto à escolha do logotipo do Olho de Horus, a senhora Martha nos disse sempre ter tido uma atração por esse símbolo, assim como pelas pirâmides, pelo povo e cultura egípcia.

Os primeiros contatos da proprietária do estabelecimento com a cultura da antiga civilização egípcia ocorreram na escola, através da disciplina de História, daí em diante sempre manteve um interesse pelo Egito, comentando ainda que admira

<sup>10</sup> [www.geocities.com](http://www.geocities.com); extraído no dia 10/09/04.

muito a Mágica Cleópatra, “*com sua beleza, hábitos, seu poder, seu falar nos filhos da terra*”, complementando que acha lindo o por do sol de alguns lugares místicos no Egito, dizendo saber bastante a respeito dos deuses e deusas do Antigo Egito.

Observamos aqui o papel assumido por figuras e ícones da história egípcia, somado a todo o imaginário criado a respeito de seus feitos, constituindo-se um dos fatores predominantes na geração do interesse hodierno pelo Egito Antigo e conduzindo mais tarde à busca de um aprofundamento na procura de informações que venham a acrescentar no saber já adquirido. Observamos, em nosso estudo, a incidência de pontos mais utilizados, como por exemplo, as Pirâmides ou mesmo a Esfinge, sendo estes os objetos que geralmente têm um maior enfoque quando estamos tratando de Antigo Egito.

Interessante ainda um comentário feito pela senhora Martha, dizendo-nos que o termo egiptomania banalizava aquele momento, uma vez que levava as pessoas a valorizarem mais o Oriente como um todo, e não nos seus aspectos particulares. Devemos observar aqui que, na época da entrevista, estava passando na Rede Globo de Televisão a novela *O Clone*, com enfoque oriental, motivo pelo qual a proprietária da loja se referia à banalização da temática oriental naquele momento.

#### 4.1.5 Restaurante e Buffet Esfyng

A Esfinge não foi construída com blocos quadrados, como as pirâmides e templos do Egito, e sim esculpida em rocha bruta. Seus escultores lhe deram a cabeça de um homem (alguns dizem ser de uma mulher) e o corpo de um leão. Com 20 m de altura e 73.5 m de comprimento, apresenta uma das mais fantásticas expressões faciais. Seus olhos virados para leste contemplam fixamente o horizonte distante: o equinócio.

O famoso “Enigma da Esfinge”, que tantos tentaram desvendar desde os tempos mais antigos, diz ser a Esfinge um grande e complexo hieróglifo, ou um livro em pedra, onde se encontra a totalidade do conhecimento antigo. Este conhecimento será revelado à pessoa capaz de decifrar a estranha cifra encarnada nas formas, correlações e medidas das diferentes partes da Esfinge. Sua idade ainda é uma incógnita para o homem, mas alguns historiadores acreditam que a Esfinge possa ter sido construída há aproximadamente 2500 anos a.C.

Situado na Av. Duque de Caxias 162, na cidade de Pelotas, o **Buffet Esfyng** foi inaugurado no dia 08/05/2001, recebendo este nome, segundo o proprietário, “*em razão da Força Kabalística, como do próprio enigma que encontramos aos pés da esfinge, ‘se não me dominares eu te dominarei?’*” (ver figura5)

Observamos aí toda uma orientação do uso da denominação do estabelecimento em busca de uma conotação mística, onde se busca uma absorção de forças e energias através do nome Esfinge, atraindo assim alguma espécie de boa

sorte para o negócio. Podemos notar, neste exemplo, o imaginário recorrente do Antigo Egito misterioso e místico, com seus enigmas e mitos que mexem com a imaginação das pessoas até os dias de hoje.

Esse interesse pelos mistérios do Antigo Egito, segundo o proprietário do estabelecimento, senhor Luis Antonio David Brandão, vem da origem árabe do seu avô materno, bem como do interesse pela cultura egípcia, por ele vista como “*cheia de mistérios e sabedoria que a cada dia que traria surpresas com novas descobertas e revelações*”.

No caso do **Buffet Esfyng**, observamos o papel da família como transmissora de conhecimento, somando-se o interesse e a crença no místico, o que se alia perfeitamente ao imaginário recorrente sobre os feitos da civilização do Antigo Egito.

Segundo o especialista em marketing Gilbert Strunck, decisões de compras e de contratações de serviços são muitas vezes tomadas por impulso, de forma irracional, quase instintiva. Nessas ocasiões quem possui dinheiro suficiente vai preferir comprar produtos ou marcas com que se identifique ou em que confie (Bakos, 2004, p. 137).

Devemos notar, ainda, a contemporaneidade da fundação dos estabelecimentos comerciais aqui analisados, o que supomos ter ocorrido, após realizadas as entrevistas, principalmente devido à chegada do novo milênio (virada do ano de 1999 para o ano 2000). A virada do milênio instigou muito o apelo para o lado místico (fato por nós observado neste estudo), buscando com o novo tempo que estava chegando a paz e a prosperidade. Essa busca reflete-se na utilização da nomenclatura dos estabelecimentos comerciais, assim como na utilização de logotípia com referência ao Egito Antigo, devido ao grande poder de atração que esses nomes e símbolos parecem exercer sobre as pessoas, algo que pesa muito na hora da escolha de um nome para um ponto comercial.

## 5. Esoterismo e Egiptomania

A idéia de trabalhar os elementos de egiptomania presentes no esoterismo foi viabilizada pela realização de entrevistas em estabelecimentos que vendem artigos esotéricos. Essa hipótese de trabalho amadureceu ao longo do desenvolvimento da pesquisa, na medida em que avistávamos nas vitrines dessas lojas, artigos relacionados com o Antigo Egito, tais como pirâmides, o que se caracteriza por prática de egiptomania.

Elaboramos então um breve questionário contendo apenas seis perguntas de forma objetiva, acreditando que resolveriam assim nossas indagações a respeito de nossos objetos de pesquisa. Eram elas:

- ✓ Qual o nome da empresa?
- ✓ Quais eram os artigos vendidos no estabelecimento?
- ✓ Como era a vendagem dos artigos com referência ao Antigo Egito?
- ✓ Qual o motivo que levava as pessoas a comprarem tais objetos?
- ✓ Quais os objetos mais vendidos?
- ✓ Qual a opinião sobre a importância da cultura do Antigo Egito atualmente?

Concluída esta etapa, procuramos aplicar uma entrevista com os proprietários destes estabelecimentos comerciais, de forma a ampliar o leque de informações obtidas pelos questionários. Dois estabelecimentos demonstraram interesse em participar de nosso estudo, **Mantra Espaço Alternativo** e **Casa dos Incensos**.

### **5.1.1 Mantra Espaço Alternativo**

Nesta loja encontramos artigos místicos e esotéricos, como CDs de mantras, livros, incensos e inúmeros outros objetos. Quando perguntamos à proprietária Jane Cardoso Pereira se existia alguma diferença na venda de objetos que faziam referência ao antigo Egito a outros objetos, comentou não notar diferença alguma neste sentido, embora os artigos egípcianizantes tenham uma boa saída (ver figura 6).

Novamente notamos, no relato da proprietária, a busca por alguma forma de energia com a utilização desses objetos: segundo a proprietária da **Loja Mantra**, quando as pessoas levam algum artigo, passam a depositar, neste, suas crenças e sua fé, fazendo com que o artigo lhe traga boa sorte, preferindo para isso pedras e amuletos, geralmente artigos para uso pessoal ou para a própria casa. A proprietária do estabelecimento não sabe explicar o porquê da representação do jovem faraó TUTANKAMON na figura demonstrada abaixo, o que supomos acontecer, pelo fato de esse ser uma das figuras do Antigo Egito mais conhecidas, e de maior divulgação e mistificação nos meios comuns de comunicação, principalmente na literatura, devido talvez a todo o mistério que envolve sua morte, originando, por isso, um interminável acervo de hipóteses e teorias criadas em torno desse fato, chegando a um público maior, com inúmeras formas e representações.

### 5.1.2 Casa dos Incensos

Na **Casa dos Incensos**, comercializam-se além de incensos, livros, espelhos, vestuário e artigos esotéricos em geral (ver figura 7).

Segundo o proprietário Fernando Gonzalez, o interesse por este tipo de artigo vem de um conhecimento momentâneo: ou seja, normalmente, as pessoas vêm na televisão e se interessam, embora esse interesse dure pouco tempo:

*“Os artigos com influência egípcia que têm maior vendagem são os livros, mas pequenos livros, quase gibis, porque ninguém, a não ser alguém que estude profundamente um assunto, se interessa por leituras mais densas ou mesmo aprofundadas, normalmente buscam leituras mais superficiais, fáceis e acessíveis, que falem do assunto que procuram de forma sintética”.*

O senhor Gonzalez nos disse não saber muito a respeito da cultura da civilização dos antigos egípcios; ele só vai comprando os artigos existentes em sua loja de acordo com a demanda, e concorda em serem procuras momentâneas, que param de tempos em tempos.

## 6. O Egito na Arquitetura Civil

Como estamos verificando, a apropriação e reutilização dos motivos do Antigo Egito têm um amplo campo de abrangência. A arquitetura urbana, inclusive, sofre essa influência egípcia. Os motivos para essa assimilação são bem variados, embora normalmente apresentem um objetivo em comum: atrair alguma espécie de energia ou boa sorte.

Quanto à arquitetura civil, encontramos apenas um exemplo na área urbana na cidade de Pelotas: uma casa situada na Rua General Argolo, que apresenta como característica de sua fachada uma pirâmide (ver figura 8).

Conforme entrevista realizada com o atual proprietário senhor Toni Inflic, a utilização da pirâmide apresenta toda uma conotação mística, como quisera a proprietária anterior que mandou construir a casa. Segundo o senhor Toni, os vértices da pirâmide estão ordenados de maneira que fiquem voltados para os pontos cardeais, para que desta forma atraiam energias e boas vibrações.

A casa foi construída no ano de 1989, o que constata a permanência e contemporaneidade da egiptomania em nosso meio, embora esta construção apresente esta leitura do Antigo Egito de forma indireta, ligando-se ao mundo do

misticismo que se criou em torno da cultura dos antigos egípcios, sendo transmitida até os dias atuais de formas sempre remodeladas, mas que têm por trás o mistério e o místico que se criou no imaginário em torno daquela civilização.

Na conversa que tivemos com o atual proprietário da casa, notamos, segundo o seu relato, o quanto uma forma de construção como essa chama a atenção e desperta a curiosidade das pessoas. Desperta a vontade, até mesmo no senhor Toni e sua esposa, de adquirirem um maior conhecimento sobre a cultura do Egito Antigo. Diz ele que, embora tenham obtido o primeiro contato com os conhecimentos a respeito da civilização egípcia na escola, foram estes sendo acrescentados através do interesse que foi crescendo; o principal meio utilizado para a busca de informações foi a televisão, com documentários e filmes. Aqui constatamos novamente o importante papel que os meios de comunicação, principalmente os programas televisivos, representam na divulgação e descrição de como viviam os antigos egípcios e de como funcionavam suas vidas, suscitando interesse pelo Antigo, o que é facilitado pela linguagem destes programas, leve e acessível a todos.

## 7. O Egito na Arquitetura Monumental

Somando-se à influência egípcia na arquitetura civil, encontramos ainda, em meio à paisagem urbana, exposto nas praças por onde passamos, o legado que o Egito Antigo nos deixou. Na maioria das vezes passam despercebidos pelos transeuntes, somente chamando a atenção dos observadores mais atentos: estamos falando dos obeliscos, palavra esta que com o passar do tempo passou até a ser desconhecida.

*Tekhen* era o nome dado pelos antigos egípcios a tais monumentos e significava, textualmente, “raio de sol”. Foram os gregos que lhe deram o nome de *obeliskos* que, em sua língua, significava “agulha” ou “pino”. Na origem, o obelisco era um monumento de pedra afilado, em forma de agulha e com o topo entalhado no formato de pirâmide, seguindo basicamente o modelo da antiga pedra Benben, no templo do deus sol em Heliópolis, considerada sagrada pelos egípcios desde a primeira dinastia (3100 – 2890 a.C.) (Bakos, 2004, p. 73).

Os obeliscos eram esculpidos pelos egípcios em uma pedra bruta, e mais tarde transportados e fincados na terra de uma forma que, devido às condições tecnológicas da época, surpreende ainda hoje os engenheiros mais experientes.

Desde muito cedo os obeliscos começaram a ser transportados do Egito para outros locais. Assurbanipal, rei assírio, parece ter sido, no século VII a.C., o primeiro a transportar obeliscos egípcios para fora do seu território original. Já Augusto, imperador romano foi o primeiro governante ocidental a ordenar o transporte de dois desses enormes monólitos de granito para Roma: um para servir

de gnômon para um colossal relógio de sol instalado no Campus Martius; outro, para adornar o *Circus Maximus* (Bakos, 2004, p. 73).

Por vários séculos, estes obeliscos foram transportados para inúmeros lugares, geralmente por conquistadores do Egito, que assim faziam para que, quando chegassem a suas terras de origem, pudessem demonstrar o seu poder para o povo. Atualmente Roma possui o maior número de obeliscos originais do mundo.

No Brasil, são centenas de obeliscos catalogados pelo projeto “Egiptomania no Brasil”, embora nenhum deles, apesar da antiguidade de alguns, seja exemplar egípcio original, sendo, todos, adaptações de um monumento da antiga civilização egípcia para discursos e narrativas contemporâneas.

Em Pelotas, constatamos ainda, na arquitetura monumental, além dos obeliscos, a existência de um monumento em formato de Pirâmide, localizado na zona rural da cidade de Pelotas.

Dentre os obeliscos já analisados no Brasil, tem se constatado quatro principais formas de reutilização destes monumentos:

- ✓ Homenagem a figuras públicas;
- ✓ Marcos de fronteira;
- ✓ Celebração de datas;
- ✓ Exaltação de colônias estrangeiras;

Nos obeliscos encontrados por nós nas cidades de Pelotas, Canguçu, Piratini e São Lourenço do Sul, constatou-se igualmente uma linearidade em relação às formas de utilização acima descritas, tanto na utilização destes monumentos em nosso estado, quanto no resto do país. Devemos, no entanto, destacar a maior ocorrência destes elementos originários do Antigo Egito no estado do Rio Grande do Sul, supondo que se deva principalmente à influência do pensamento positivista de Auguste Comte, na política local, pensamento este que tinha como característica a exaltação a figuras da política, e que, para isso, se utilizava muito de monumentos – e, preferencialmente, dos monumentos em forma de obelisco.

### **7.1.1 Obelisco da Colônia Portuguesa**

Próximo à antiga estação ferroviária, no Largo de Portugal, encontra-se o obelisco que chama a atenção pela sua beleza artística e proporções: foi erguido pela colônia portuguesa no ano de 1935, numa homenagem ao centenário da Revolução Farroupilha (ver figura 9).

Posteriormente, anexou-se a este, outra placa que nos diz:

*“Os portugueses de hoje reafirmam o preito de gratidão ao povo pelotense no biênio das comemorações do pioneirismo português no Rio Grande do Sul, 1974 - 1975.”*

### **7.1.2 Obelisco em Homenagem a Domingos José de Almeida**

O famoso obelisco do bairro Areal, coluna de oito metros de altura, foi inaugurado em 1885, quando se comemorava o cinquentenário da Revolução Farroupilha e faltavam ainda quatro anos para a proclamação da República brasileira. Soma-se ainda a este marco, uma curiosidade: o obelisco é o único monumento público erguido em terras brasileiras, na vigência da monarquia, ao ideal republicano.<sup>11</sup> Este obelisco veio mais tarde a dar origem ao atual Bairro Obelisco, local onde foi erguido (ver figura 10).

A inscrição em bronze diz assim:

*“Os republicanos de Pelotas recomendam ao viajante a memória de Domingos José de Almeida”.*

O obelisco foi erigido no local que antes compreendia os campos da charqueada de Domingos José de Almeida, mineiro que foi, segundo historiadores, o “cérebro” da Revolução Farroupilha, sendo o idealizador da República Rio-Grandense, em 1836, e nela ocupando além da vice-presidência mais dois ministérios; é bem claro que, além da homenagem, procurava-se criticar o imperador e as instituições do Império.

### **7.1.3 Obelisco do canhão**

Este obelisco foi construído em dezembro de 1970, no largo Armando José de Lima, no interior da cidade de Pelotas, na via que dá acesso à cidade de Canguçu, no distrito conhecido como Cascata. Foi erigido para conter a placa que explica a procedência de um canhão, exposto à sua frente; nesta placa está escrito (ver figura 11):

Professor Henrique Carlos de Moraes, IPHAN, MEC. N/C  
*“Ao Patrimônio Histórico Artístico Nacional,  
dos Estados Unidos do Brasil, um velho canhão de  
ferro fundido com 2,73 m de comprimento e 3,5 cm*

---

<sup>11</sup> MAGALHÃES, Mario. *O areal do obelisco*. In: artigo publicado no jornal Diário popular no dia 01/09/2002.

*de calibre, por mim encontrado mergulhado a uns 12 metros de profundidade nas proximidades do povo de Willenstad, ilha de Curaçau, e colhido do fundo do mar pela Draga Brasil, sob o meu comando no dia 10 de abril de 1963”.*

ass: K Boltje.

#### **7.1.4 Obelisco em Homenagem aos Fundadores de Canguçu**

Obelisco construído na praça central da cidade de Canguçu em comemoração ao centenário da elevação da vila de Canguçu à condição de cidade, no ano de 1857. Nas placas de seu entorno estão gravadas as seguintes datas (ver figura 12):

*“Gloria aos Fundadores de Canguçu 1857-1957  
1812 – Freguesia  
28 / 01 / 1857 – Vila  
22 / 06 / 1857 – Município”*

Em 19 de setembro de 1807, o Rio Grande do Sul foi elevado à condição de capitania-geral, desanexada do Rio de Janeiro e subordinada diretamente, como todas as demais, ao vice-rei do Brasil. Somente em 7 de outubro de 1809, uma provisão real, assinada pelo príncipe Dom João, autorizou a criação dos quatro primeiros municípios rio-grandenses: Porto Alegre, Rio Pardo, Santo Antonio da Patrulha e Rio Grande, considerados nesse documento oficial, como “vilas”, e já com indicação das autoridades a nomear e das freguesias (povoações com autonomia religiosa) que cada uma devia abranger.<sup>12</sup> O atual município de Canguçu, sendo em 1812 uma freguesia da então vila de Rio Grande, somente em 1857 foi elevado à condição de cidade.

#### **7.1.5 Obelisco em Homenagem aos Heróis da Revolução Farroupilha**

Também desmembrada da vila de Rio Grande, Piratini, juntamente a Pelotas, foi elevada à condição de cidade. Pelotas e Piratini foram respectivamente o sexto e sétimo municípios a serem criados pelo imperador Pedro I: ambos em 1830, nos dias 7 e 15 de Dezembro. Piratini foi ainda capital da Republica Farroupilha, durante o decênio de 1835-1845. Daí provem este monumento, construído no ano de 1935, em homenagem ao centenário da revolução farroupilha (ver figura 13).

---

<sup>12</sup> Para saber mais sobre a criação dos municípios rio-grandenses consultar: Magalhães (2002).

### **7.1.6 Obelisco em Homenagem ao Fundador da Colônia de São Lourenço**

São Lourenço do Sul tem suas origens no século XVIII, com a ocupação da região pelos luso-açorianos que brigavam com os espanhóis pela posse das terras. No local criaram-se grandes latifúndios de criação pecuária. Em 1807, moradores da Fazenda do Boqueirão construíram a capela consagrada a Nossa Senhora da Conceição e, em 1815, foi iniciada a construção de uma capela devotada a São Lourenço, em estância que levava o seu nome. Por decreto de D. Pedro I, a Fazenda do Boqueirão foi elevada à freguesia em 1830, quando se desmembrou da vila de Rio Grande e se incorporou à vila de São Francisco de Paula (atual cidade de Pelotas). Em 1850, o coronel José Antonio de Oliveira Guimarães doou parte da Fazenda São Lourenço para uma nova povoação e, em 1858, firmou contrato comercial com o prussiano Jacob Rheingantz, iniciando, então, a colonização alemã da região. Em 26 de abril de 1884, São Lourenço do Sul foi emancipada e, em março de 1938, elevada à categoria de cidade.<sup>13</sup>

Este obelisco está localizado no interior do município de São Lourenço do Sul, e presta uma homenagem aos 50 anos do fundador da colônia alemã de São Lourenço (Jakob Rheingantz), que mais tarde veio a dar origem ao município de São Lourenço do Sul (ver figura 14).

### **7.1.7 Obelisco do Colono**

Também situado no interior da cidade de São Lourenço do Sul, este obelisco presta uma homenagem ao fundador da colônia de São Lourenço, juntamente com os primeiros imigrantes alemães chegados àquele local em 18/01/1856 (ver figura 15).

### **7.1.8 Monumento em Forma de Pirâmide**

Monumento postado na zona rural da cidade de Pelotas, com a finalidade de marcar a fundação do Largo Armando José de Lima, inaugurado em 13/10/1963, pelo então prefeito Dr. João Carlos Gastal (ver figura 16).

Como podemos observar, dentre todos os monumentos analisados, averiguamos que todos os obeliscos e a pirâmide estão, de alguma forma, prestando homenagens, dentro dos quatro enfoques por nós já citados; outro aspecto que se modificou quanto à utilização original dos obeliscos no Egito é a forma com que encontramos dispostos estes monumentos, que, no Antigo Egito, eram sempre construídos e expostos dois a dois, sempre um obelisco defronte do outro, de forma

---

<sup>13</sup> [www.riogrande.com.br/municipios/saolourenco](http://www.riogrande.com.br/municipios/saolourenco); extraído em 06/01/2004.

a manter a idéia de equilíbrio, sempre buscada pelos antigos egípcios em sua arte; já nestes exemplos identificados na pesquisa, os monumentos encontram-se sempre em número de um, uma adaptação contemporânea para a nova utilização destes monólitos.

### Conclusão

Através deste estudo procuramos analisar a influência egípcia na cidade de Pelotas, São Lourenço do Sul, Canguçu e Piratini. Buscamos possibilitar comparação relativamente às referências à egiptomania já identificadas e interpretadas em nosso estado (Saballa, 1998).

Procuramos contribuir, assim, para uma melhor compreensão da parcela de contribuição do legado cultural da antiga civilização egípcia em aspectos da cultura brasileira, ou mesmo no imaginário que se tem sobre a cultura egípcia em nosso país nos dias atuais.

Efetando como nossa parcela, nesse estudo, o recorte do levantamento em cidades do Sul do estado do Rio Grande do Sul, executamos essa análise buscando a influência da cultura egípcia na logotipia e nomenclaturas de estabelecimentos comerciais, seguindo a metodologia aplicada por Viviane Saballa. Do mesmo modo, averiguamos influência sobre a arquitetura civil e monumental. Finalmente, incluímos em nosso campo de análise as casas esotéricas, esclarecendo desta forma algumas dúvidas que tínhamos a respeito da frequência de objetos com elementos egípcianizantes, habitualmente encontrados nesses estabelecimentos.

Nossa busca começou pelo rastreamento da egiptomania através do tempo, partindo das crônicas de viagem de Homero até a incursão militar de Napoleão Bonaparte ao Egito, quando foi encontrada a *Pedra de Rosetta*, mais tarde decifrada por Champollion.

No Brasil, o interesse pelo Egito remonta à monarquia, quando D. Pedro I começou a coleção egípcia brasileira, hoje exposta no Museu Nacional do Rio de Janeiro, completada mais tarde por D. Pedro II, que era um fascinado estudioso do Egito, chegando a fazer duas viagens a este país, sendo que da segunda viagem deixou-nos como herança seu diário, onde fez apontamentos sobre sua visita aos monumentos egípcios.

Estabelecida a cronologia do interesse, assimilação e apropriação de ornamentos e elementos egípcios no decorrer dos séculos, passamos ao enfoque específico de nosso estudo: como se apresenta atualmente em nosso meio essas assimilações e de que maneira encontramos essas adaptações do conhecimento adquirido nos dias atuais?

Levando em conta a leitura dos traços egípcios através da egiptomania, e contrabalançando nossas informações com as já obtidas em outros estudos<sup>14</sup>, concluímos que há na região uma real existência do interesse pela cultura do Antigo Egito, testemunhado pelas fontes levantadas em nossa pesquisa.

Quanto à utilização de referência ao Egito em nomenclatura e logotipia de estabelecimentos comerciais, notamos a coincidência dos motivos dessa presença nas cidades por nós analisadas com as demais citadas no trabalho de Saballa; ou seja, os proprietários dos estabelecimentos por via de regra buscam uma forma de amparo, proteção nos mais variados elementos da cultura egípcia, com o interesse em conseguir boa sorte nas vendas de seus produtos.

Os elementos utilizados para isso são usualmente as pirâmides, a esfinge e notamos a maior utilização do nome *phenix*, diferenciando-se da cidade de Porto Alegre, em que o elemento mais usado é a pirâmide. Observamos também serem estes objetos formas de grande atração publicitária, contribuindo bastante para a propaganda dos estabelecimentos e seus produtos e estimulando entre os proprietários o uso destes elementos.

Na arquitetura, encontramos interessantes exemplos de egiptomania, como a casa em formato de pirâmide, sem contar com os inúmeros obeliscos, monumentos de origem egípcia eternizados por construtores contemporâneos. Coincide, em parte, o conteúdo dos monumentos por nós encontrados com um levantamento que vem sendo feito dos obeliscos brasileiros, donde se conclui que sua utilização geralmente enfoca a homenagem a figuras públicas, marcos de fronteira, celebração de datas e exaltação de colônias estrangeiras.

Devemos observar aqui que, em nosso levantamento, destaca-se um obelisco que não podemos incluir nessa generalização, sendo seu enfoque diverso dos citados acima<sup>15</sup>, somando-se ainda o fato de não possuímos em nosso levantamento nenhum obelisco que possua a finalidade de demarcação de fronteira. Outros dois desses monumentos possuíam o fim de homenagear figuras públicas, dedicados a Domingos José de Almeida (idealizador da república rio-grandense) e a Jakob Rheingantz (fundador da colônia germânica onde se localiza a atual cidade de São Lourenço), tratando-se de exemplos que acabam se somando a tantos outros já levantados em trabalhos realizados em outras regiões do Brasil, nos quais o monumento obelisco serve para homenagear figuras públicas.

Quanto à análise por nós feita nas lojas de artigos místicos, onde encontramos objetos que fazem alusão ao Egito antigo, concluímos que esses objetos são usualmente utilizados como amuletos, nos quais se deposita a expectativa de atrair boas energias. Notamos com isso a direta associação feita pelas pessoas entre, de um lado, a cultura e elementos do antigo Egito, e, de outro, o

---

<sup>14</sup> Para saber mais sobre os já realizados, ver Bakos (2004).

<sup>15</sup> Obelisco do canhão.

misticismo e esoterismo contemporâneo, até mesmo pela grande procura, nestes estabelecimentos, de livros sobre assuntos místicos ligados à mitologia egípcia.

As formas de transmissão dessas informações são diversificadas, embora a maioria tenha origem no ensino escolar fundamental, com a disciplina de História. Podemos, desse modo, averiguar o importante papel do professor e dessa disciplina, não só como forma de instruir, mas também difundir a cultura egípcia antiga. O conhecimento obtido na escola normalmente vem a ser acrescentado através de livros e, na maioria das vezes, por documentários televisivos.

É notável o interesse que todos nossos entrevistados parecem ter pelo Egito faraônico e todos os seus desdobramentos, mas devemos notar aqui o papel assumido por grandes figuras e ícones da história do Antigo Egito no imaginário popular, destacando-se nesse meio alguns como Cleópatra e Tutankamom, sendo esses, junto com locais históricos do Egito, normalmente, os pontos de referência quando se fala em Egito Antigo, fato que vai se refletir mais tarde nas homenagens prestadas por essas pessoas, no nome de seus estabelecimentos comerciais: Restaurante Esfyngé, Ótica Phonix ou mesmo outros tipos de referências utilizadas, como o busto de Tutankamon vendido em uma loja de artigos místicos. (Fig. 6)

Sinteticamente podemos observar no total de nosso levantamento, cruzando-o com outros estudos por nós citados aqui, uma determinada distinção nos processos de assimilação e desdobramento dos conhecimentos advindos do Oriente Antigo (Egito), formando, o que nos parece, fases, que podemos ordenar cronologicamente:

Nos séculos XIX e XX, tínhamos ainda a época das grandes descobertas no Egito Antigo, como a escavação da tumba de Tutankamon por Carter em 1922, fatos estes que geravam o que chamamos de “booms” de interesse pelo Egito; importante exemplo disso foi a publicação da *Description de l’Egypte*, em 13 volumes publicados de 1803 a 1813, o que acabou gerando a moda *Retour d’Egypte*, que despertou o interesse de inúmeros viajantes e, sobretudo, antiquaristas; nessa fase, ocorreu igualmente uma maior divulgação do conhecimento adquirido referente ao Egito Antigo. Nos finais do século XIX e século XX, esses conhecimentos parecem ter ficado retidos a um público mais restrito, embora encontremos nesse período inúmeras formas de assimilações e reutilizações do conhecimento de nosso objeto de estudo, o Egito Antigo: exemplo disso são os incontáveis obeliscos erigidos em nosso estado nesse período, criando-se, pelo que parece, um determinado modismo no uso dessa construção, fazendo com que tal monumento perdesse seu significado original. Entre o final do século XX e início do século XXI, podemos extrair de nossas fontes um crescente interesse pelo mundo nilótico, principalmente no tocante à procura de objetos místicos e amuletos, o que observamos nas entrevistas realizadas nas casas esotéricas e na construção de uma casa em forma de pirâmide, com a finalidade exclusiva de atrair “boas energias”, constituindo-se, assim, as diferentes formas de egiptomania.

Feita uma enxuta e breve cronologia, observamos que esse interesse pelo mundo dos antigos egípcios esteve presente desde a Antigüidade, embora de formas variadas conforme a época; dito de outro modo, o Egito sempre esteve presente entre nós, muitas vezes obscuro, mas como em todos os períodos, com uma grande parcela de contribuição para o entendimento e estudo das civilizações atuais.

## IMAGENS



Figura 1: Panfleto da Fênix, casas pré-fabricadas. Pelotas/RS



Figura 2: Fachada da Loja Pirâmide-Pelotas/RS



Figura 3: Fachada da ótica Phenix-São Lourenço/RS



Figura 4: Fachada da loja de artigos místicos Almazem- Pelotas/RS



Figura 5: Fachada do Restaurante e Buffet Esfyngue, Pelotas/RS



Figura 6: Artigos vendidos no Mantra Espaço Alternativo: Pelotas /RS



Figura 7: Miniaturas de Pirâmides, Casa dos Incensos/RS



Figura 8: Casa em formato de pirâmide: Pelotas/RS



Figura 9: Obelisco da Colônia Portuguesa: Pelotas/RS



Figura 10: Obelisco em Homenagem a Domingos José de Almeida: Pelotas/RS



Figura 11: Obelisco do Canhão: Pelotas/RS



Figura 12: Obelisco em Homenagem aos fundadores de Canguçu: Canguçu/RS



Figura 13: Obelisco em Homenagem aos Heróis da Revolução Farroupilha/ Piratini/RS



Figura 14: Obelisco em Homenagem ao Fundador da Colônia de São Lourenço/RS



Figura 15: Obelisco do Colono: São Lourenço do Sul/RS

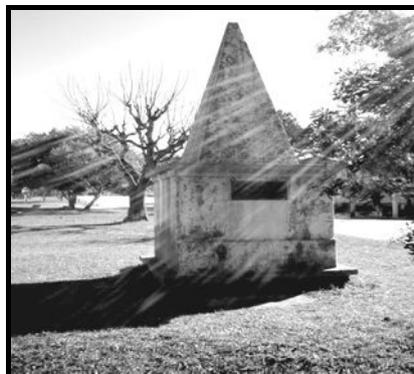


Figura 16: Monumento em Forma de Pirâmide-Pelotas/RS

### Bibliografia

- AZEVEDO, Fernando de. *A Transmissão de cultura*. São Paulo: Melhoramentos, 1976.
- BAKOS, M. A Coleção Egípcia do Museu Nacional do Rio de Janeiro. In: BAKOS, M. *Fatos e Mitos do Antigo Egito*. Porto Alegre: EDIPUC, s/a.
- \_\_\_\_\_. Egiptomania – Projeto de Pesquisa Aprovado pelo CNPQ – *Egiptomania no Brasil: o caso de Rio Grande do Sul. (séculos XIX e XX)*. PHONIX, Rio de Janeiro, 8, 2002. p. 403-405.
- \_\_\_\_\_. (org). *Egiptomania: O Egito no Brasil*, São Paulo: Paris Editorial, 2004.
- \_\_\_\_\_. Um olhar sobre o Antigo Egito no Novo Mundo: a biblioteca pública do estado do Rio Grande do Sul. *Revista de Estudos Ibero Americanos*, PUCRS, 27 (2): , dez, 2001. p. 172.
- \_\_\_\_\_. *O que são Hieróglifos?* São Paulo: Brasiliense, 1996.
- \_\_\_\_\_. Entre as fronteiras da ciência e da imaginação: praticas de egiptomania no Brasil, séc. XIX e XX. *Caderno de Resumos do V Congresso da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos e XIII Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos. Fronteira e Etnicidade*. Pelotas: UFPEL, 2003. p 37.
- BRIER, Bob. *O assassinato de Tutancâmom: uma história verdadeira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- CARDOSO, C; VAINFAS, R. *Domínios da história. Ensaios de Teoria e Metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CARDOSO, Ciro Flamariom. *Sete olhares sobre a antiguidade*. Brasília: UNB, 1994.
- CARTER, Howard. *A descoberta da tumba de Tut-ankh-Amom*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.
- CERQUEIRA, F. V. *Apostila de História da Antiguidade Oriental*. Pelotas: UFPEL, 2000.
- HARRIS, J. *O legado do Egito*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- HELLER, Agnes. *Uma teoria da história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.
- HERÓDOTO, *História*. Brasília: UNB, 1985.
- HUMBERT, J.M. (org). *L' égyptomanie à l' epreuve de l' archeologie*. Bruxeles: Éditions du Gram, 1996.
- JAMES, T. G. *Mitos e Lendas do Egito Antigo*. São Paulo: Melhoramentos, 1978.
- MAGALHÃES, Mario Osório. *História do Rio Grande do Sul (1626-1930)*. Pelotas: Armazém Literário, 2002.
- MAYNARD, Alceu Araújo. *A cultura popular Brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1973.

- ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- SABALLA, V. Egiptologia no Rio Grande do Sul, In: BAKOS, M e POZZER, K. (orgs.) *III Jornada de Estudos do Oriente Antigo. Línguas, Escritas e Imaginários*. Porto Alegre: EDIPUC, 1998.
- SAID, Edward W. *Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente*. Tradução de Tomas Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- SANTOS, F. Marques dos. Aspectos da primeira viagem dos Imperadores do Brasil à Europa e Egito (1871-1872). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, 188 (2), 1945. p.55-91.
- THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

Recebido em: 26/06/2005

Aprovado em: 24/08/2005

Publicado em: 10/10/2005

